

Currículo em ação em uma escola particular no interior baiano

Curriculum in action at a private school in Bahia

Benedito Eugênio^a
Vanusa Lima Santos Silva^b

Editora

Maria Inês Côrte Vitória
PUCRS, RS, Brasil

Equipe Editorial

Pricila Kohls dos Santos
PUCRS, RS, Brasil
Marcelo Oliveira da Silva
PUCRS, RS, Brasil
Carla Spagnolo
PUCRS, RS, Brasil
Rosa Maria Rigo
PUCRS, RS, Brasil

ISSN 2179-8435



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.
http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

RESUMO: Este trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola privada confessional cristã, localizada no município de Vitória da Conquista. O texto focaliza a organização curricular com o propósito de analisar de que forma a educação por princípios se configura no currículo em ação desta escola. Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa qualitativa que contou com observações de aulas do ensino fundamental, análise de documentos e entrevistas com docentes e coordenação. Os resultados das entrevistas e observações apontam para a compreensão de que a educação por princípios na escola se dá de forma transversal e não como uma metodologia, tal como é apregoado na proposta de organização do currículo por princípios bíblicos.

Palavras-chave: Currículo. Escola privada. Educação por princípios.

ABSTRACT: This paper presents the results of a qualitative research conducted in a Christian denominational private school, located in the municipality of Vitoria da Conquista. The text focuses on the curriculum organization in order to examine how education by principles set in the curriculum in action this school. Data were collected through a qualitative research which included class observations of elementary school, document analysis and interviews with teachers and coordination. The results of the interviews and observations point to understand that education for principles occurred not as a methodology, as well as proclaimed in the curriculum organization proposed by biblical principles.

Keywords: Curriculum. Private School. Education by principles.

^a Doutor em Educação (Unicamp). Professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. <benediteugenio@bol.com.br>

^b Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenadora pedagógica na UNIGRAD.

Introdução

O currículo tem uma história e uma origem. O termo deriva da palavra latina *curriculum*. Sua origem relaciona-se com o plano de estudo proposto aos docentes contendo o que os discentes deveriam aprender. Segundo Sacristán (2013, p. 17), desde seu uso inicial, o conceito de currículo “representa a expressão e a proposta da organização dos segmentos e fragmentos dos conteúdos que o compõem”. Isso significa que desde os primórdios a ideia de seleção e de ordem do que deveria ser ensinado esteve presente na definição do currículo. A ele foram se juntando outros conceitos, tais como o de classe, graus, idades, o que leva ao agrupamento e classificação dos alunos, tais como nos mostram Hamilton (1992), Sacristán (2006), Dussel e Caruso (2003).

Aos poucos o currículo vai sendo empregado como instrumento regulador das pessoas, transformando-se, nos séculos XVI e XVII “em uma invenção decisiva para a estruturação do que hoje é a escolaridade e de como a entendemos” (SACRISTÁN, 2013, p. 18).

Assim, é importante compreendermos o currículo como uma das expressões do projeto cultural e educacional que determinada sociedade pretende desenvolver nos sujeitos, com tudo que isso implica: relações de poder, jogos de interesses, ideologias, identidades do outro, etc. Conforme nos ensinou Forquin (1993), a educação envolve sempre a formação de alguém por alguém e necessariamente pressupõe a comunicação, a transmissão e a aquisição de conhecimentos que são sempre culturais.

Como artefato que organiza a vida dos sujeitos, o currículo constitui-se um documento de identidade (SILVA, 2005). Neste trabalho nos propomos a analisar a proposta da Educação Por Princípios e sua configuração no currículo em ação de uma escola privada de Vitória da Conquista-Ba, aqui denominada de Escola Cristo Rei (nome fictício). A proposta de Educação Por Princípios Bíblicos se apresenta como uma metodologia que propõe a preocupação com a formação do sujeito como ser integral e reflexivo dentro do espaço escolar, trabalhando, além da dimensão intelectual, física e social dos seus educandos, o desenvolvimento dos aspectos morais e espirituais como parte integrante do processo educacional.

Amparamo-nos num referencial teórico-metodológico da teoria crítica do currículo, por entendermos que esta, ao focar questões relacionadas à ideologia, poder e cultura possibilita uma melhor compreensão do currículo em seus diversos desdobramentos. O percurso metodológico foi apoiado na abordagem qualitativa. Para o aprofundamento da pesquisa, analisamos o Projeto Político-Pedagógico da escola, bem como os documentos da proposta de Educação Por Princípios disponibilizados em sites das fundações e associações na internet. Utilizamos a entrevista semiestruturada e a observação de aulas para a construção dos dados. Para garantir o anonimato das docentes, são empregados nomes fictícios.

A Educação por Princípios e seus fundamentos

Conforme *The Foundation For American Christian Education*, na década de 1960, Verna Hall, historiadora americana, publicou o livro *História Cristã da Constituição dos EUA*, documentando como a providência divina e a aplicação de uma filosofia cristã produziram a primeira nação construída com base em princípios bíblicos. Rosalie J. Slater foi também inspirada a pesquisar o modelo colonial de educação e caráter americano. Publicou em 1965 *Ensinando e Aprendendo a História Cristã Americana*, ano em que também fundam a FACE (*Foundation For American Christian Education*) (ALVES, 2012).

Conforme definida pela FACE, Educação por Princípios é um método cristão de raciocínio bíblico, que requer um entendimento do ser humano como um todo, um ser integral e que necessita de desenvolvimento pleno fazendo das verdades da Palavra de Deus a base de cada assunto no currículo escolar.

De acordo com informações presentes no site da FACE, a Educação por Princípios encontra-se estruturada como proposta pedagógica sob três pilares: a Filosofia, a Metodologia e o Currículo. Cada um destes pilares busca responder a uma indagação filosófica. A Filosofia, busca responder ao “por quê” ou “para quê” da Educação por Princípios? A Metodologia busca responder ao “como” fazer a Educação por Princípios? E o Currículo, procura responder “o quê” ensinar na Educação por Princípios.

Segundo a AECEP (Associação de Escolas Cristãs Por Princípios), os ideais de Educação Por Princípios chegam ao Brasil ainda na década de 1980. É nesse ano que Cida Mattar faz estágio com Paul Jehle na “The New Testament Christian School”, Plymouth – Massachussets USA, e se vê comissionada a trazer esta visão de educação para o solo brasileiro. Já em 1992 Roberto Rinaldi e Ana Beatriz fundam o CRE (Centro Renovo de Educação) em São Paulo, com o objetivo de orientar escolas que tivessem interesse de adotar a metodologia. Neste mesmo ano eles visitam a Stone Bridge School, escola modelo de Educação Por Princípios na Virgínia, USA e realizam o 1º Workshop de Educação Escolar Cristã com Flory Pacheco (Guatemala) e Cida Mattar, conforme consta no site da AECEP.

No dia 09 de abril de 1997, Roberto Rinaldi e Cida Mattar fundam a AECEP, em São Paulo, com o número de oito associados. Com mais de oitenta escolas associadas, no ano de 2003 a sede da AECEP se muda para Belo Horizonte, onde permanece atualmente. A Associação conta com mais de cento e vinte escolas associadas por todo território brasileiro com maior concentração nos estados de São Paulo, que conta com mais de quarenta e cinco escolas e Minas Gerais, com quase trinta escolas associadas. No estado da Bahia, são oito escolas.

Borges (2002) considera a Educação por Princípios uma proposta que une os princípios bíblicos ao currículo escolar exigido por lei, formando, assim, uma educação diferenciada, a qual proporciona ao aluno agir de forma crítica, além de desenvolver hábitos saudáveis de convivência social e apresenta os sete pilares ou princípios basilares

desta proposta: o Princípio da Soberania, o Princípio do trabalho ou do caráter, o Princípio da Mordomia, o Princípio da liberdade ou governo, o Princípio da Individualidade, o Princípio da Aliança e o Princípio da Semeadura e Colheita.

No item a seguir, discutimos como se configura a educação por princípios no currículo da escola investigada.

A sala de aula, a educação por princípios e o currículo em ação

Moreira e Silva (2002) afirmam que o currículo não é um elemento transcendente e atemporal — ele tem uma história, vinculada às formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. No caso da perspectiva adota neste artigo, isto é, a teoria crítica, questões como o processo de seleção e distribuição do conhecimento são fundamentais para se entender a configuração do currículo no interior da sala de aula. Se a cultura é o conteúdo substancial da educação, como nos alertou Forquín (1993), identificar os usos escolares da porção de cultura que se transforma em conhecimento escolar é imprescindível para compreendermos o projeto de sociedade presente em determinadas propostas educacionais.

Nas palavras de Silva (1996, p. 79):

[Não podemos] ver o processo de seleção e organização do conhecimento escolar como um inocente processo epistemológico em que acadêmicos, cientistas e educadores desinteressados e imparciais determinam, por dedução lógica e filosófica, aquilo que melhor convém ensinar às crianças, jovens e adultos. [...] o currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos.

Segundo Sacristán (1998, p. 105), a discussão acerca do currículo transcende o campo das questões conceituais e, independentemente de qualquer conceitualização, em se tratando de currículo é essencial considerar alguns aspectos que julgamos relevantes e que, em suas palavras, são assim expressos:

[...] o estudo do currículo deve servir para oferecer uma visão da cultura que se dá nas escolas, em sua dimensão oculta e manifesta, levando em conta as condições em que se desenvolve. [...] trata-se de um projeto que só pode ser entendido como um processo historicamente condicionado, pertencente a uma sociedade, selecionado de acordo com as forças dominantes nela, mas não apenas com capacidade de reproduzir, mas também de incidir nessa mesma sociedade. [...]. O currículo é um campo no qual interagem ideias e práticas reciprocamente. [...]. Como projeto cultural elaborado, condiciona a profissionalização do docente e é preciso vê-lo como uma pauta com diferente grau de flexibilidade para que os professores intervenham nele.

Comumente, quando voltamos nosso pensamento para os elementos que constituem nossas salas de aula, lembramos imediatamente de alguns adornos como a mesa da professora, as cadeiras enfileiradas, os mapas, varal com atividades realizadas e cartazes típicos (Quanto somos? Aniversariantes do mês, O tempo...) dependurados nas paredes e em meio a esses elementos físicos a figura do/a professor/a como ponto central dos acontecimentos e conhecimentos frente a um determinado número de sujeitos, homogeneizados em termos geracionais e condições sócio-econômicas.

Tal pensamento reflete as salas de aula pensadas para reproduzir e/ou manter-nos tradicionalmente nos moldes europeus herdados no decorrer de nossa História educacional. É preciso nos atentarmos para o fato de que a sala de aula possui uma história. Segundo Dussel e Caruso (2003, p. 18):

no ensino não há lugar neutro nem indiferente: todas as estratégias e opções que utilizamos em nossa tarefa cotidiana têm histórias e significados que nos superam e produzem efeitos sobre os alunos—não só em termos de aprender ou deixar de aprender determinado conteúdo, mas também de sua relação com a autoridade, com o saber letrado em geral e com os demais.

Ainda de acordo com estes autores, no decorrer dos tempos, a sala de aula sofreu modificações em suas estruturas material (organização do espaço, mobiliário, instrumentos pedagógicos) e de comunicação. Percorrendo diferentes momentos históricos, eles mostram como a sala de aula, que como espaço particular começa-se a delinear no fim da Idade Média, vai se modificando no decorrer do tempo, até adquirir a forma pela qual a conhecemos hoje.

A escola e a sala de aula possuem uma história que a constituem como espaço singular, heterogêneo e produtor de culturas. Segundo Lahire, Vincent e Thin (2001, p. 38), a escola possui uma configuração histórica particular, surgida em determinadas formações sociais. São as características específicas dessa instituição, instaurando uma relação social entre um mestre e um aluno e um lugar específico distinto dos lugares onde se realizam as atividades sociais, que levam os autores a falar em forma escolar, ou seja, “forma que se caracteriza por um conjunto coerente de traços-constituição de um universo separado para a infância, importância das regras na aprendizagem, organização racional do tempo, [visando] um novo modo de socialização, o modo escolar de socialização”.

Adentrar o cotidiano de uma escola é o momento em que temos a oportunidade de perceber a materialização das ações planejadas, isto é, o currículo se mostrando na prática. É um momento ímpar de aproximação da realidade concreta, pois transcende, em muito, a mera leitura de relatos de experiências, ou a interpretação de dados colhidos, no contato direto com a prática é mais clara a percepção que se tem de como o aluno percebe e interpreta a realidade que o cerca. Buscamos amparo nas concepções de *currículo em ação* presentes nos estudos de Geraldini (1994, p. 117), para quem:

É entendido e trabalhado como conjunto das aprendizagens vivenciadas pelos alunos, planejadas ou não pela escola, dentro ou fora da aula e da escola, mas sob a responsabilidade desta, ao longo de sua trajetória escolar. [...], ou seja, aquilo que ocorre, de fato, nas situações típicas e contraditórias vividas pelas escolas, com suas implicações e concepções subjacentes e não o que era desejável que ocorresse e/ou o que era institucionalmente prescrito.

Corroborando com a concepção da autora acima, as discussões travadas por Silva (2010), Sacristán (1995, 1998), Moreira (2002), dentre outros, abordam esta temática mostrando que o currículo em ação se trata do resultado das experiências e ações arquitetadas ou não pela escola e/ou pelos professores, ações essas que, sendo explícitas ou tácitas, vão interferir diretamente no cotidiano no espaço da escola, ou por assim dizer, é o que de fato, ocorre no dia a dia de uma instituição escolar e que tem reflexos imediatos ou a longo prazo nas aprendizagens incorporadas pelos seus alunos.

A escola investigada é uma instituição da rede particular de ensino, localizada num bairro periférico da cidade de Vitória da Conquista Bahia. É reconhecida como sendo de orientação confessional Cristã. A instituição oferece ensino nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. No turno matutino, das 08h às 11h30, as turmas são de Educação Infantil e 07h15 às 11h45, para o Ensino Fundamental. No turno vespertino, das 13h15 às 16h30 para Educação Infantil e das 13h00 às 16h45 para o Ensino Fundamental.

Os alunos matriculados na escola estavam distribuídos, no momento da construção dos dados, em 18 turmas, com uma média de vinte alunos por sala de aula. A partir da análise de parte do seu Projeto Político-Pedagógico, verificamos que se apresenta como uma:

Escola de caráter cristão preocupada em oferecer aos seus alunos o preparo acadêmico para que esses se tornem aptos para a vida social e profissional pautada no estilo ensinado nas escrituras sagradas visando desenvolver em sua consciência o temor a Deus.

Pudemos notar que o foco norteador da proposta pedagógica encontra-se no respeito ao indivíduo como ser integral, ou seja, leva em consideração a crença de que o ser humano é constituído de corpo, alma e espírito e que todas elas devem ser tratadas com a mesma importância e atenção. Ainda segundo o seu PPP, a escola tem por missão:

A preservação do nome da escola como pioneira da metodologia de Educação por Princípios Bíblicos (EP) na cidade de Vitória da Conquista, que tem como objetivo a formação cidadã de seus alunos através da garantia de uma educação de qualidade, e, principalmente, a formação do caráter cristão nos mesmos, através do ensino dos princípios bíblicos inseridos no seu conteúdo diário.

De acordo com informações contidas no texto do seu PPP, a escola visa formar pessoas que se preocupem em projetar o seu futuro baseando-se no compromisso com as verdades bíblicas, com dignidade e esperança; busca também oferecer a todos os que fazem parte desta unidade de ensino uma visão clara do referencial pedagógico de formação de caráter, por meio de cursos de qualificação e formação continuada, para que possam infundir nos seus alunos crenças como a de que: Deus é o autor de todo conhecimento; o temor do Senhor é o princípio de toda a sabedoria; “as Escrituras Sagradas constituem o maior registro de toda verdade e que essas verdades são transversais a qualquer área do conhecimento no interior das disciplinas, e quando aplicadas, com inteireza, produzem efeito duradouro e restaurador”.

A proposta Pedagógica da escola defende ainda que o conhecimento escolar adquirido deve servir para a melhoria de vida, que é dever da escola fortalecer junto a seu alunado a ideia de que os pais são autoridades diretas sobre os filhos e, conseqüentemente, os principais responsáveis pela sua educação, pois acredita no fortalecimento das instituições como família, governo civil, igreja e escola, como o principal aliado da educação de uma nação, uma vez que, a formação cidadã tem a sua base inicial na família, tendo a escola como local de consolidação desta formação para uma vida em sociedade.

A escola deixa claro no PPP que a sua Filosofia está comprometida com a formação integral dos estudantes para o pleno desenvolvimento do seu temor a Deus e das suas potencialidades, pois, entende que os principais pontos da Filosofia da Educação Cristã devem estar pautados nos princípios bíblicos do conhecimento e no reconhecimento de que Deus é o princípio de todo o conhecimento e sabedoria. Neste sentido, tem como meta principal proporcionar aos estudantes condições favoráveis de ensino acadêmico e preparação para a vida social e familiar, bem como para o seu futuro desempenho profissional e exercício da cidadania com responsabilidade, ética, respeito a si mesmo e ao próximo, tendo estas prerrogativas como estilo de vida. A filosofia da escola acredita que o resultado é o “exercício de atividades do cotidiano norteadas por virtudes como: o companheirismo, o respeito, a disciplina, a responsabilidade, a dedicação ao crescimento acadêmico e profissional, pois o sucesso pessoal está diretamente ligado a uma vida disciplinar a partir dos objetivos de vida”.

Toda proposta de educação, como seleção da cultura considerada relevante a ser ensinada na escola, é sempre intencional e o currículo serve exatamente como instrumento que a põe em prática, pois ele é uma “invenção reguladora do conteúdo e das práticas envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem” (SACRISTAN, 2013, p. 20). No caso da proposta pedagógica da escola investigada, o projeto de sujeito a ser formado fica explícito em vários momentos.

Em sintonia com a educação por princípios, a proposta pedagógica da escola investigada aponta que o professor é alguém que dá de si mesmo, que se preocupa com o outro, que aponta caminhos, tendo a convicção de que a

docência é um constante aprendizado, e que, a troca emanada do ensinar e aprender é necessária para a sua vida. Os professores investigados demonstram que são, voluntariamente, transmissores de crenças e valores. Para o professor que trabalha com a Educação por princípios a docência é vista também como um ministério, uma vez que possuem uma cosmovisão bíblica.

A gente busca o conhecimento pedagógico, a gente tem que estar também pesquisando o conhecimento bíblico e levando para as crianças o conhecimento de quem é Deus, o que ele criou, [...] e foi o que me encantou muito na educação, no educar por princípio, é justamente porque às vezes, parece que não, mas tem muitas crianças que não conhece esse Deus, e aí acaba tendo um tipo de educação voltada para acreditar em outras crenças, como a de que ele veio do macaco... e outras coisas, sabe? ... (Joana)

Segundo a proposta, a ideia é que os princípios bíblicos se apliquem em quaisquer situações da vida de seus educandos, não somente no tempo e no espaço escolar. A proposta de educação escolar por princípios concebe cada estudante como um ser único, de valor imensurável, pois é criado por Deus à sua imagem e semelhança.

A educação por princípios se difere das outras educações no sentido de poder levar e pregar a palavra do Senhor, visto que, em outras instituições isto não acontece, em algumas, os professores são até proibidos de falar de Deus, aqui não... Nós, ao contrário, temos total liberdade para isto... Trabalhamos os conteúdos juntamente com a palavra de Deus. (Francisca)

A sala de aula é o ápice do processo de uma educação institucionalizada, pois é no cotidiano, isto é, nos acontecimentos habituais de uma sala de aula que se concretiza o currículo. Conforme Fonseca (2010, p. 391), a sala de aula “é, por excelência, um espaço plural, coletivo, um espaço no qual professores e alunos/atores/sujeitos vivem, aprendem, ensinam, relacionam-se uns com os outros, com o mundo, com os saberes”.

O currículo em ação é aqui compreendido como o as experiências do cotidiano de uma escola e presentes na sala de aula. É na rotina diária que se materializam as prescrições institucionais. É no currículo em ação que se materializam concepções e convicções; que se manifestam as relações de poder entre professores e alunos, assim como de todos os atores do espaço escolar. É na ação, ou na rotina diária, que se demarcam territórios.

Um elemento que configura a cultura escolar da escola investigada é o livro didático. Para Bonafé e Rodríguez (2013, p. 209), “o livro didático é o artefato que dá forma material a um modo de proceder pedagógico para a reprodução cultural. O currículo se torna texto e sua materialização coloniza a vida na aula”.

Trazemos à tona, novamente, a discussão proposta por Geraldí (1994) onde aponta, com dados empíricos na sua pesquisa, um elemento digno de atenção, o que ela chama de “supremacia do livro didático” no cotidiano das salas de aula, ou o que, ousamos intitular de “adoção do professor pelo livro didático”. Arriscaremos tratar como o “território” ocupado pelo livro didático, fato que ela entende como uma inversão de lógica, pois vê que o livro didático, naquele momento, assim como verificamos hoje, em muitas realidades, orienta todo o processo pedagógico, ou seja, ele dita as regras, não só do “fazer” do professor, mas acaba por limitar o “caminhar” do próprio aluno.

Quando conversávamos sobre a forma como se dá o processo de seleção dos conteúdos nesta escola, obtivemos respostas tais como:

O nosso objeto de estudo é o mesmo de outra escola, são todos os das diretrizes curriculares de ensino, usamos o livro didático, lá já vem todos os conteúdos, nós trabalhamos normalmente. (Ana)

Os objetos são estabelecidos a partir do livro didático adotado pela escola, um livro didático comum a outras escolas, eles não se diferenciam pelo fato de ser educação por princípios, então, eles são estabelecidos a partir do próprio livro e não dá para ser diferente. (Joana)

Nós adotamos o livro didático, que é de onde tiramos os conteúdos que vamos trabalhar, o livro é aquele comum que se usa em outras escolas. (Maria)

É notória, pela recorrência das falas acima, o que Geraldí (1993) constatou, em sua pesquisa sobre o cotidiano da sala de aula ou o currículo em ação de uma escola, que o livro didático continua sendo o centro da ação pedagógica, isto é, ocorre uma supremacia do livro didático, mesmo num contexto de uma proposta de Educação confessional por princípios bíblicos que, por inferência, seria “diferenciada”. Não é o que ocorre, toda a ação curricular desta escola é pensada a partir dos ditames do livro didático adotado pela instituição, o qual não se difere dos utilizados nas escolas consideradas laicas.

[...] quando nós chegamos tem a oração e a devocional e aí tem a acomodação das crianças, vamos para a correção das atividades de casa, nós trabalhamos o assunto que temos para ser trabalhado, depois que assunto novo for aplicado, aí a gente aplica o princípio e vamos falar a respeito deste princípio em cima daquele assunto e aí segue a rotina normal de uma sala de aula. O nosso objeto de estudo é o mesmo de outra escola, são todos os das diretrizes curriculares de ensino, usamos o livro didático, lá já vem todos os conteúdos, nós trabalhamos normalmente. (Ana)

A partir das observações das aulas e das falas das professoras, compreendemos que a proposta de educação por princípios na escola investigada funciona tal qual a proposta dos temas transversais na reforma curricular do ensino fundamental brasileiro a partir dos anos 1990.

Nós só inserimos os ensinamentos bíblicos, mas os conteúdos são os mesmos que trabalham nas outras escolas, nós não mudamos os conteúdos pelo fato de ser por princípios, [...], eu sempre procuro trabalhar de maneira que facilite o entendimento das crianças, sempre procuro cantar uma música, um cartaz ou qualquer outra coisa para chamar a atenção das crianças e então começo o conteúdo mostrando um versículo da bíblia que tem a ver com aquele assunto, depois sigo com o conteúdo normalmente, para que o aluno aprenda aquele conteúdo como em outra escola, depois, no final eu aplico o princípio bíblico e eles entendem tranquilamente, sem problema nenhum. (Joana)

[...] a única exigência é que a gente aplique o princípio bíblico dentro do assunto no final de cada conteúdo dado, mas os conteúdos são os mesmos de qualquer outro livro. [...] o conteúdo que trabalhamos é o mesmo de outra escola o princípio só é aplicado no final de cada assunto trabalhado, para que os alunos reflitam sobre o que a palavra de Deus fala sobre aquilo. (Ana)

Fica ainda a impressão de que os docentes sustentam uma preocupação, no sentido de não se diferenciar das escolas não confessionais, como se essa peculiaridade acarretasse prejuízos no aprendizado dos alunos, o que contradiz a proposta da metodologia de ensino de educação por princípios, que afirma ter as verdades bíblicas como base ou ponto de partida para os ensinamentos escolares.

[...] as pessoas podem até achar que não, mas, em todos os conteúdos, do currículo, em todas as aulas, sempre encontramos um versículo no qual podemos trabalhar o princípio, porque a palavra do Senhor, ela é diversificada e lá fala de vários, assuntos. [...] agente ensina os alunos o temor a Deus. E a palavra de Deus e o ensino dela na escola, tem uma grande influência na vida dos alunos, porque eles chegam na escola, a maioria dos alunos, sem uma referência religiosa [...] pregamos a palavra de Deus e seus ensinamentos, então isso já é um diferencial. (Francisca)

A partir do relato da professora acima, podemos pensar na organização curricular desta escola a partir de uma das perspectivas de currículo propostas por Sacristán (1998), isto é, o currículo realizado. Este autor afirma que as consequências ou efeitos cognitivos, afetivos, sociais, e morais do currículo de uma escola, se refletem nas aprendizagens dos alunos, mas não se assentam somente neste patamar, afetam, também, os professores, na forma de

socialização profissional, e ultrapassa as paredes da escola, uma vez que se projetam, inclusive, no ambiente familiar. Eis o que nos diz a professora Ana a esse respeito:

[...] a gente não tá falando de religião, por que isso é pessoal, eu falo de mudança de caráter, mudança de pensamento mesmo. Nós, professores, procuramos viver o máximo possível esses princípios para que a criança perceba em nós essa realidade e também leve para casa o que aprendeu aqui na escola e tem muito pais que nos contam as atitudes dos filhos em casa e percebem que eles estão aprendendo algo mais e isso faz toda a diferença na vida da sociedade. (Ana)

Considerações finais

Para que uma educação seja considerada cristã, segundo Alves (2012), ela deve ser pautada na Bíblia e em três princípios: Filosofia (por que), Currículo (o que), Método (como).

Os elementos acima podem ser identificados no projeto pedagógico da Escola Cristo Rei. No entanto, foi possível perceber ao longo do estudo que nessa escola a metodologia de ensino da educação por princípios não se configura tal como proposta nos documentos das associações nacional e internacional, uma vez que na proposta original a ideia é a de que a Bíblia fosse o ponto de partida para todo o ensinamento, para direcionar o conteúdo a ser estudado na escola.

Notamos, no cotidiano da escola investigada, que a proposta de educação por princípios bíblicos se aproxima da perspectiva delineada pelos PCNs para os temas transversais, os quais se referem aos conteúdos de caráter social, que devem fazer parte do currículo, de forma transversal, isto é, como conteúdos a serem ministrados nas disciplinas, não como uma área de conhecimento específico, mas devendo integrar as áreas convencionais e ter a mesma importância que elas, relacionando-as às questões da atualidade e sendo orientadores do convívio escolar.

Referências

ALVES, Monica P. A educação por princípios bíblicos: um método cristão de ensinar? **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo, EST, 2012. p. 157-179.

ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS CRISTÃS DE EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS. Disponível em: <www.aceep.org.br>. Acesso em: 20 set. 2014.

BONAFÉ, Juame M.; RODRÍGUEZ, Jesús R. O currículo e o livro didático: uma dialética sempre aberta. In: SACRISTAN, J. G. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

- BORGES, Inez Augusto. **Educação e personalidade**: a dimensão sócio- histórica da educação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- DUSSEL, I.; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.
- ESCOLA CRISTO REIS. **Projeto político pedagógico**. Vitória da Conquista, 2005.
- FONSECA, Selva G. O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas. **Rev. Brasileira de Est. Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 289, p. 390-407, 2010.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- FUNDAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ AMERICANA. Disponível em: <www.principleapproach.org>. Acesso em: 18 dez. 2014.
- GERALDI, Corinta Maria Grisolia. Currículo em ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. **Revista Pro-Posições**, Faculdade de Educação da UNICAMP, SP. v. 5, n. 3, p. 111-132, nov. 1994.
- HAMILTON, D. Sobre as origens dos termos classe e curriculum. **Teoria e Educação**, v. 6, 1992.
- LAHIRE, B.; VINCENT, G.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, n. 33, 2001.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. O que significa o currículo? In: _____. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio B. (Orgs.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

Endereço para correspondência:

Benedito Eugênio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas-DFCH
Estrada do Bem-Querer, km 04
45028-900 Vitória da Conquista, BA, Brasil
<beneditoeugenio@bol.com.br>

Recebido em: janeiro/2015

Aceito em: julho/2015